

Intervenção arqueológica no *Cabeço do Outeiro*: uma ocupação rural dos séculos XVII-XVIII

Joana Leite*, Manuel Nunes**

Resumo

Na sequência da realização de uma sondagem arqueológica de emergência no lugar do Cabeço do Outeiro, freguesia de Nespereira, concelho de Lousada foi possível determinar um nível de ocupação que expôs um habitat rural dos sécs. XVII e XVIII. O espólio exumado permitiu não só determinar com mais exactidão o contexto cronológico como revelar o poder económico associado a essa ocupação. Apesar de parca, no que respeita à existência de estruturas, a sondagem mostrou tratar-se de um espaço repartido entre três áreas: alimentar, de circulação e uma área exterior onde assentaria supostamente um alpendre. O cruzamento das fontes históricas do arquivo particular da Casa do Cáscere, onde está incluída a propriedade em questão, vem precisamente corroborar a percepção arqueológica para o local.

Abstract

After performing an emergency archaeological poll at Cabeço do Outeiro, in Nespereira, Lousada, it was possible to determine an occupation level that showed a rural habitat of the XVII-XVIII centuries. The exhumed spoil has allowed not only to determine more accurately the chronologic context but also to reveal the economic power associated to that occupation. Although scarce, as far as the existence of structures is concerned, the poll revealed that it is a space divided in three areas: feeding, circulating and an exterior area where, supposedly, there would be a porch. The crossing of the historic sources provided by the Casa do Cáscere private archive, where the property is included, validates the archaeological perception for the place.

* Arqueóloga.

** Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

1. Detecção do Sítio Arqueológico

A descoberta fortuita do Sítio Arqueológico referenciado como Cabeço do Outeiro¹ com as coordenadas geográficas W 008°17'43,3''; N 41° 15'18,1'', (UTM 559032,4 29T 4567307,56) DATUM WGS/84 ficou a dever-se à abertura de uma estrada municipal de ligação entre o lugar de Vila Verde e o lugar do Cruzeiro freguesia de Nespereira, concelho de Lousada, distrito do Porto, (I.G.E. 1:25.000, folha n.º112).

Trata-se de um sítio com 224m de altitude média e dotado de uma considerável rede hidrográfica, uma vez que o rio Mezio (afluente do Sousa), que corre nas proximidades deste sítio arqueológico, ramifica pela área alguns cursos de água que tornam os solos em questão bastante férteis e de uso agrícola (Fig. 1).

Os vestígios ocupacionais revelaram-se nos cortes artificiais escavados pelas máquinas, especialmente no corte exposto a sul onde se tornou evidente um piso de tijolos a uma profundidade de 2,55 relativamente ao nível original do terreno e através de achados dispersos de fragmentos cerâmicos nas imediações.



Figura 2. Corte exposto a Sul, rasgado pela passagem da estrada local, onde se encontravam evidenciados os vestígios arqueológicos.

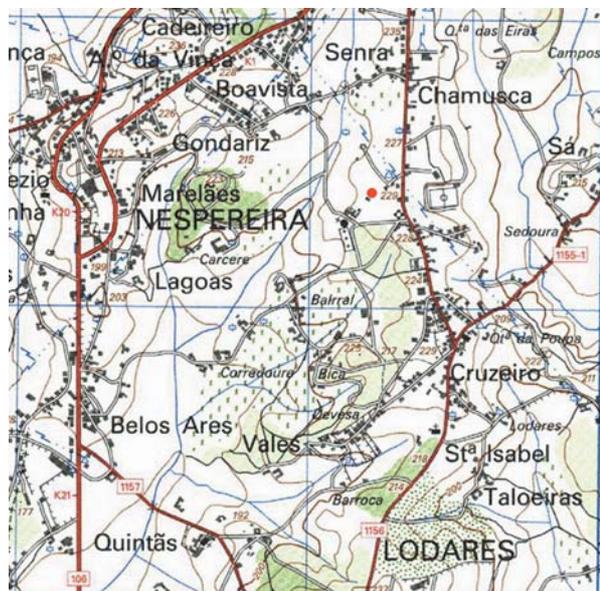


Figura 1. Implantação da área intervencionada, com um pequeno círculo a vermelho, num excerto da folha 112 da Carta Militar de Portugal do IGE, 1998.

A intervenção arqueológica de emergência afigurou-se desde logo uma necessidade dada a fragilidade em que se encontravam expostos os vestígios remanescentes (deterioração do perfil exposto aos agentes climáticos e a possibilidade de ocorrência de actos de vandalismo) – Fig. 2 - tendo sido concretizada durante o Verão de 2005.

2. Intervenção Arqueológica: sequência ocupacional do sítio

A sondagem arqueológica realizada precisamente no alinhamento do piso detectado no corte foi delimitada no seu topo numa área de 12 m² que se subdividiu em quadrículas alfanuméricas mais pequenas (2m²) de apoio à referência específica dos contextos a apurar.

Dada a impossibilidade de permanecer com o testemunho dos quatro cor-

¹ A intervenção foi designada pelo acrónimo **CBO.05**, correspondente à identificação do Lugar “Cabeço do Outeiro”, onde teve lugar a escavação, e ao ano em que se procedeu à abertura da sondagem e respectivo estudo de Sítio - 2005.

tes, uma vez que um dos alinhamentos da sondagem coincidia com o talude provocado pelas máquinas, a sondagem contou apenas com a leitura dos cortes Nascente, Sul e Poente.

A escavação avançou seguindo os procedimentos inerentes à utilização da Matriz de Harris, decapando gradualmente as unidades estratigráficas e registando-as em diagrama com respectiva caracterização, como se apresenta no *Gráfico 2 (em anexo)*.

Procurando o entendimento da inter-relação das unidades estratigráficas deixou-se uma banqueta como testemunho para os últimos níveis de ocupação que sugerem um ritmo de vivência mais intenso e por isso de mais delicada compreensão.

Os resultados decorrentes da análise da sequência das unidades estratigráficas permitiram esclarecer, por um lado, que as unidades relativas à época Contemporânea sugerem níveis sucessivos de aterro, praticamente estéreis a nível de espólio, e por outro lado permitiram determinar uma ocupação mais antiga (séculos XVII e XVIII), que nos seus níveis mais profundos - a partir da UE 26- se mostra mais expressiva.

Relativamente à unidade estratigráfica, que pela análise do espólio, marca a transição da Época Contemporânea para a Época Moderna refira-se a curiosa disposição que a unidade 012 assume, caracterizando-se por terras saibrosas, estéreis, depositadas propositadamente sob a forma de valas sucessivas, orientadas no sentido Noroeste Sudeste (Fig. 3).

À falta de paralelos publicados avançamos uma hipótese meramente especulativa no sentido destes 11 regos, paralelos entre si, e plenos em raízes, reflectirem um nível de exploração dos solos de cariz agrícola pelas características do espólio encontrado na unidade estratigráfica 011 (que preenche e se sobrepõe às valas), composto por escassa cerâmica de uso doméstico e por uma navalha de enquadramento possível na faina agrícola. Lembre-se a este propósito que o cultivo do cebolo exige, em determinadas localidades, a disposição de terras arenosas de preparação para o plantio.



Figura 3. Vista geral da unidade estratigráfica 012, perspectiva Este-Oeste.

Em plena fase de ocupação efectiva e intensiva do sítio - 2ª metade do séc XVII - e paralelamente a mais antiga captada no registo arqueológico, podem distinguir-se o que genericamente tratamos por 3 áreas funcionais.

A área um, determinada por uma espessa unidade (029) de carvões, cinzas e abundante espólio (o mais diverso e numeroso de toda a sondagem²), bem delimitada no conjunto da área intervencionada sugere tratar-se de uma área específica reservada à combustão doméstica (lareira, área de preparação de alimentos, depósito de cinzas, etc.), uma vez que de entre os fragmentos de cerâmica aí encontrados predominam umas panelinhas de louça preta, destinadas ao lume directo com fuligem em ambas as faces.

A área 2 revela a única estrutura arqueológica de

² Composto por 244 fragmentos cerâmicos, entre os quais 16 fragmentos de faiança com motivos de tradicional associação cronológica à segunda metade do século XVII, frequente espólio metálico, de que se destaca meia ferradura, alguma telha de meia cana, dois fragmentos de vidro e dois líticos (um movente de moinho manual e uma pedra talhada de morfologia discóide).



Figura 4. À direita (área 2) – Unidade estratigráfica 035, constituída por um nível regularizado de tijolos e pedras; à esquerda (área 3) – buracos de poste cavados na unidade 037 – rocha de base.

toda a sondagem. Trata-se da unidade 035 composta por um piso de 8 dezenas de tijolos e algumas pedras (Fig. 4) cujo sentido se perdeu com a abertura da via que o interrompe.

A área 3 coincide com um espaço marcado por uma significativa profusão de cravos pregos e alguns buracos de poste, paralelamente a uns entalhes sub-circulares que se compreendem como base de assentamento de uma estrutura perecível (hipoteticamente de madeira) (Fig. 4). Esta hipótese ajuda em parte a compreender o silêncio material ao nível das estruturas para o sítio.

3. Espólio exumado

A contrastar com a quase ausência de estruturas arqueológicas há que considerar o espólio recolhido

na sondagem que se revelou variado e relativamente abundante.

3.1. Cerâmica

Os 556 fragmentos cerâmicos recolhidos nesta intervenção arqueológica foram agrupados em conjuntos afins que revelassem usos, intenções e produções semelhantes. Assim, dentro do universo cerâmico apurado foram individualizados grupos, como o da cerâmica preta, vermelha, vidrada, faiança e ainda subconjuntos definidos por acabamentos ou decorações específicas, pela natureza das pastas e outros tantos elementos denunciadores nomeadamente de centros produtores locais de fabrico.

3.1.1. Cerâmica preta

A olaria preta ou negra, assim referenciada indistintamente na bibliografia da especialidade, conhecida desde tempos proto-históricos, caracteriza-se por ser produzida através de um processo de cocção em atmosfera redutora ou rica em carbono.

Algumas das características aglutinadoras deste tipo de cerâmica preta são: maior impermeabilização e maior resistência ao lume do que as cerâmicas vermelhas, simplicidade das suas técnicas de produção, economia do combustível, sabor agradável conferido aos cozinhados sólidos e líquidos, higiene que propicia à alimentação pelo alto teor de monóxido de carbono capaz de impregnar todos os poros evitando que a sujidade e os microorganismos penetrem na pasta, entre outras (Ribeiro, 2003:21).

Na sondagem em estudo apurou-se a totalidade de 57 fragmentos de louça preta, igualmente variáveis na tonalidade apresentada (do preto ao cinza claro), com especial incidência nas unidades estratigráficas 029, 030 e 032 onde se recolheram 46 dos 57 fragmentos.

Genericamente, estas produções caracterizam-se por serem muito porosas, friáveis e enegrecidas pelo fumo (Real [et. al.], 1995:181). Facilmente identificáveis pelos abundantes restos de cinzas e marcas de fogo nas paredes exteriores, em resultado de uma prolongada utilização na preparação dos alimentos ao lume, reconhecemos vários fragmentos de panelas na sondagem, sobretudo ao nível da unidade estratigráfica 029, pelas formas fechadas, paredes que se adivinham



Figura 5. Fragmentos de bordos de panelas de cerâmica preta com fuligem, associados a uma unidade estratigráfica de exposição directa e prolongada ao fogo (segunda metade do século XVII) - centros produtores do Prado ou Gondar.

altas e de perfil convexo estreitando para o fundo e para a boca (o que facilitaria a cobertura com um tecto)³ (Fig. 5).

É uma forma adaptada às cozeduras demoradas que não necessitam de uma visualização permanente do andamento de cozedura dos alimentos em grande quantidade de meio líquido, como os caldos. O aparecimento desta tipologia cerâmica está, desta forma, associado à área 1, já focada anteriormente.

Como eventual centro produtor deste tipo de cerâmica avançamos com a hipótese do pólo disseminado pelo vale do Douro que ganha importância a partir do século XVII. Em particular destacamos a produção de Gondar⁴ (Amarante), por ser a mais próxima de Nespereira/ Lousada (em estradas actuais dista apenas 30 km) e por já estarem confirmados como dois dos seus concelhos de comercialização Penafiel e Felgueiras (limítrofes de Lousada) (Fernandes, 1997b:30).

A principal característica da olaria de Gondar é a sua superior resistência ao calor propiciando às peças a capacidade de uma exposição directa ao fogo, o que direccionou as suas formas para utensílios culinários

com especial destaque para a panela, afamada pelo bom gosto dado à comida nela cozinhada.

Não se pode, no entanto, negligenciar o centro produtor do Prado - que se afigura como um importante centro produtor de louça (preta, vermelha e vidrada) e telha desde o século XIII - como hipotético local de proveniência destes fragmentos, uma vez que a sua presença se evidencia em outros elementos cerâmicos encontrados na sondagem aberta⁵.

De facto, a superior qualidade de fabrico quer na pasta, quer na decoração, que a louça preta do Prado revelava nos séculos XVI e XVII impulsionou este centro numa rede de abastecimentos a longas distância que deixa marcas um pouco por todo o Entre Douro e Minho (ob.cit.:43), atestadas pelos resultados das escavações arqueológicas realizadas no Mosteiro de Santa Maria de Tibães, na Casa do Infante, no Porto (a 50 km de distância) e provavelmente na escavação do Cabeço do Outeiro, em Lousada, cuja análise aqui propomos.

De proveniência directamente relacionável ao centro de produção do Prado possuímos dois exemplares. Um deles materializa-se num pequeno fragmento de pasta dura e depurada, de fina espessura, com toque metálico, de cor cinzenta escura (em ambas as faces), com um cerne de tonalidade mais clara e de decoração impressa em pequenos círculos preenchidos a moscovite (mica branca). Trata-se de uma peça singular, recolhida na unidade estratigráfica 27, que raramente se vê representada em contextos arqueológicos e só se manifesta em casos excepcionais que exijam mesmo algum requinte no seu manuseamento (Fig. 6).

As pastas mais duras e depuradas do centro do Prado, com cerne cinzento ou castanho, conhecem, em casos raros, a par dos acabamentos alisados, a referida decoração com aplicação de palhetas de moscovite. Trata-se de louça preta mais fina, vocacionada para se destacar num serviço de mesa mais requintado, ou simplesmente como elemento isolado de natureza decorativa. As formas mais representadas para estes casos são a bilha e a caçoila e geralmente são reconhecidas como pertencentes ao 3.º quartel do século XVII (Real [et. al.], 1995:89).

³ Para uma visualização mais detalhada destas formas sugerimos a consulta dos desenhos em anexo (figura 19 e 20).

⁴ Este núcleo de produção ainda se mantém activo no fabrico de louça negra nos dias de hoje.

⁵ Sobretudo na cerâmica vermelha, que trataremos de seguida.



Figura 6. Fragmento de cerâmica de prestígio, utilizando a moscovite como elemento enriquecedor da decoração (3º quartel do século XVII) – centro produtor do Prado.

No entanto, como Luís Fontes e Isabel Fernandes alertam (1998:359,360), apesar da análise química aos exemplares conhecidos apontarem para que essas peças sejam provenientes do centro de produção do Prado (feitas com barro originário dessa região), não é linear afirmar-se que esse tipo de decoração seja exclusivo desse centro, devendo-se mesmo evitar as generalizações, uma vez que se conhece a contemporânea utilização da moscovite na decoração de peças em Guimarães, Felgar e Bisalhães e existem mesmo outros exemplares do género espalhados pelo país. Relativamente à balização cronológica que propomos para o período de utilização do fragmento proveniente do Cabeço do Outeiro será a segunda metade do século XVII, não só pelo restante contexto estratigráfico já reflectido mas também pelo demais espólio da unidade em questão que remete para esse enquadramento, e que na proposta de Luís Real e Luís Fontes se encaixa na época de difusão plena deste tipo de decoração.

De idênticos acabamentos, denotando um fabrico tecnicamente evoluído pela depuração na pasta, paredes pouco espessas, reduzidas dimensões e brunido caracterizado por um conjunto de linhas espaçadas que atravessam perpendicularmente o bojo da peça, mas sem qualquer decoração com moscovite associada, apuramos, na UE 029, o artefacto visível na figura 7 e (21 anexos) que acreditamos ter sido igualmente produzido no centro do Prado.



Figura 7. Fundo de tigela em louça preta, de paredes finas e suavemente brunidas (segunda metade do século XVII) - centro produtor do Prado.



Figura 8. Fundo e bordo de tigela em louça vermelha do centro produtor Aveiro-Ovar.

3.1.2. Cerâmica vermelha

Entre a cerâmica vermelha, que se assume largamente preponderante no conjunto do espólio cerâmico da intervenção, podemos encontrar tigelas (Fig. 8) de cor viva e muito resistentes, de tipologia e características análogas às do centro de produção Aveiro-Ovar,

que na passagem do séc. XVI para o XVII assume a liderança de produção de louça vermelha relativamente ao centro do Prado.

Não é estranho considerarmos este centro como fonte de proveniência de alguma da cerâmica encontrada nesta escavação uma vez que o Porto, um dos destinos mais conhecidos desta produção, absorvia cerca de um terço das peças e reenviava os excedentes para outras regiões nortenhas. Estas transacções, arqueologicamente confirmadas para o século XVII com as escavações na Casa do Infante, faziam circular tigelas calculadas em milheiros⁶. De referir que, apesar de se apontar um decréscimo na produção deste centro a partir da década de 70 do século XVIII (Amorim, 1998:78), para a sondagem em análise foi sempre verificada uma constância na presença desta cerâmica até à segunda metade do século XIX.

Tratam-se de peças “*de barro formado em louça encarnada, tão dura quase tão durável como pedra*”, como nos descreve o P.e António Carvalho da Costa (cit. por Amorim, 1998:73) em que a tigela se assume como a principal forma deste conjunto artefactual. De facto, a morfologia dominante, sem grandes oscilações de tamanho, é a tigela, que apresenta sempre paredes espessas e de tendência carenada, como se pode ver na figura 8, gozando de boa qualidade para conservar a água fresca pela porosidade da pasta. Fortunato Temudo (cit. por Nunes, 1998:19) acrescenta que alguns destes produtos cerâmicos são bastante perfeitos, tanto no fabrico como na forma, apresentando um perfil admiravelmente simples e belo⁷.

Quanto ao centro do Prado encontra-se novamente representado, por inúmeros fragmentos que apresentam um tratamento cuidado da sua superfície (brunida ou polida) e por algumas asas de cântaro com uma gramática decorativa rica pela perfuração intensa de toda a sua superfície (Fig. 9). Estas asas, de cerne cinzento e tão características deste centro, pertenceriam certamente a um cântaro de dupla asa em que a segunda (mais pequena) teria apenas uma função de apoio na orientação dos líquidos. Crê-se que o fabrico destas peças se reporte a meados do séc XVII. Curio-



Figura 9. Asa em cerâmica vermelha, intensamente perfurada em toda a sua extensão de meados do século XVII (centro produtor do Prado).

so é notar que o fabrico destas asas em particular não dotaria a peça de grande resistência, uma vez que a sua aplicação, posterior à moldagem do cântaro, como se verifica pela análise do encaixe da asa, revestiria a peça de alguma fragilidade (figura 23 dos anexos).

3.1.3. Faiança

Paralelamente à presença, em larga maioria, da cerâmica vermelha e da preta, nota-se que um outro grupo começa a marcar o seu espaço no conjunto considerado – Gráf. 1. Trata-se das faianças e o seu aparecimento no registo arqueológico da sondagem coincide com o período áureo da difusão da faiança portuguesa (séculos XVII e XVIII).

A faiança, que começa progressivamente a substituir a louça comum (preta e vermelha) pelas características intrínsecas relacionadas com a sua impermeabilidade e limpeza sobretudo ao longo do século XVIII e em contextos domésticos que assumam alguma preponderância social, revela na sondagem alguma expressividade de representação.

⁶ Unidade de medida referente a mil peças.

⁷ A propósito destas peças, e para maior pormenor, consulte-se a figura 22 dos anexos.

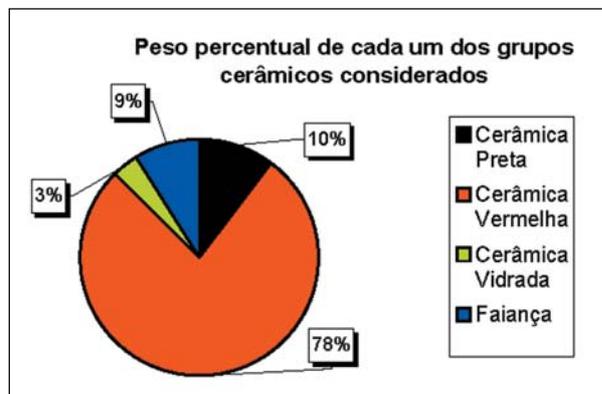


Gráfico 1. O universo das faianças na globalidade da cerâmica considerada.

Sendo a cerâmica um dos indicadores preciosos do nível de evolução tecnológica de uma sociedade, do seu grau de riqueza e do gosto que a caracteriza, a presença significativa de faiança na sondagem intervencionada, cuja proporção no conjunto do espólio cerâmico se perspetiva no gráfico 1, suscita alguma reflexão relativamente a aspectos sócio-económicos inerentes ao habitat rural que procuramos compreender.

Como salienta Isabel Maria Fernandes (1999:12), e para o período histórico que nos ocupa, a utilização cerâmica das classes menos favorecidas era bem diferente da utilizada pelas classes detentoras de riqueza, quer em qualidade, quer em quantidade das peças. As classes rurais e citadinas, de poucos recursos económicos recorriam às singelas peças de louça preta ou vermelha fosca e vidrada para suprirem as necessidades elementares, enquanto que a nobreza ou a burguesia utilizavam para satisfação das necessidades uma panóplia mais dilatada de utensílios. A faiança⁸, sobretudo a partir do século XVIII, caracterizada pelo seu vidrado estanífero (com ou sem pinturas) e pastas claras, era a imagem de marca dos seus detentores. Fosse de produção mais grosseira ou mais fina, o que é certo é que o seu fabrico exigia uma técnica apurada e matérias-primas mais caras do que as da louça vermelha e preta – era uma produção para as elites endinheiradas (Fernandes, 2001:30).

A tendência a que se assiste ao longo do século XVII

e especialmente com o advento do século XVIII é a progressiva diminuição da louça comum (preta ou vermelha) em detrimento do crescimento da louça de faiança (Dordio, 1999:47), sobretudo para contextos domésticos que revelem alguma preponderância social.

A identificação e investigação dos centros de produção de faiança em Portugal nos séculos XVI e XVII continua a revelar-se matéria muito obscura, apesar de se terem identificado alguns centros em Lisboa, que se considera ser um dos mais importantes núcleos de produção (Barreira; Dordio; Teixeira, 1998:151), e em Coimbra (Real [et. al.], 1995:184).

No que se refere ao espólio proveniente desta intervenção e para facilitar a análise dos fragmentos de faiança optou-se por seguir a metodologia seguida pela Casa do Infante (Barreira; Dordio; Teixeira, 1998:152-154), optando por dividi-lo em grupos de estudo, atendendo sobretudo a aspectos de índole decorativo.

Assim, consideramos um primeiro grupo, de apreciável representação no universo dos três conjuntos, constituído por louça grosseira, de esmalte bege/ amarelado muito fino que se degrada com alguma facilidade, decorado de forma simples com filetes azuis no fundo ou junto dos bordos, reportando-se sobretudo a duas formas que se identificaram às tigelas e aos pratos. Este grupo, de inspiração reconhecidamente europeia (sobretudo italiana e espanhola), começa a aparecer no registo arqueológico a partir do primeiro quartel do século XVII (Dordio; Teixeira; Sá, 2001:140), e prolonga-se no tempo, sendo que no caso do nosso conjunto estilístico se considera adequado enquadrá-lo em meados de Seiscentos (Fig. 10).

O segundo grupo, claramente mais representado pela quantidade de peças apuradas, alude a uma louça igualmente de tradição europeia, mas mais fina, com motivos e figurações pintados em azul que mostra preferência por representações geométricas ou figurativos vegetalistas. Uma forma de organização decorativa muito frequente para este género de representações são as sobejamente conhecidas *rendas* (Fig. 11) e *contas* (Fig. 12) que preenchem com bandas duplas ou simples as abas dos pratos remetendo, com alguma segu-

⁸ Apesar de provir da França, deve o seu nome à cidade italiana de Faenza, onde começou a ser produzida com grande qualidade a partir de princípios do século XVI (Leão, 1999: 15).



Figura 10. Faianças monócoras com filetes em dupla linha a azul.

rança, para datas posteriores ao segundo quartel do século XVII (ob.cit.:142) doze dos fragmentos cerâmicos encontrados na sondagem em Nespereira

Correspondendo ao último grupo de faianças, para o qual encontramos apenas dois fragmentos, destacamos um tipo de louça fina, igualmente com figurações mas pintada a azul e vinoso, alternando as duas cores.

Numa das peças constatamos, um motivo já conhe-



Figura 11. Fragmentos de faiança com decoração do tipo "rendas".



Figura 12. Fragmentos de faiança com decoração do tipo "contas".

cido – *contas* –, mas que se salienta dos demais fragmentos pela superior qualidade, visível quer pela consistente espessura e regularização do esmalte quer pelo cuidado aprimoramento da gramática decorativa pintada na sua face interna, tratando-se de três fiadas de contas azuis, descentradas entre si e separadas por finas bandas em tom vinoso que serpenteiam entre as contas (Fig. 13).

Para o outro fragmento, (Fig. 14), de cronologia mais tardia, encontramos um tipo de representação muito padronizada que conta sempre com duas linhas concêntricas em azul com um ou dois espaços e, entre elas, surge o preenchimento com rabiscos alongados em vinoso. Esta louça, em contraste com tendências decorativas do mesmo período que denotam acentuada sobriedade, procura uma espécie de caricatura da tradição decorativa barroca anterior (Barreira; Dordio; Teixeira, 1998:158).

Nas escavações realizadas na Casa do Infante este terceiro grupo surge apenas num depósito do 3º quartel do século XVII, marcando para essa al-



Figura 13. Aba de prato em faiança com decoração do tipo “contas” a policromático.



Figura 14. Fragmento em faiança – louça do brioso.

tura o início da sua utilização nesse local (ob.cit.:154), o que se adequa plenamente ao nosso horizonte temporal para a unidade 026 (finais do século XVII, inícios do XVIII), onde apareceu o fragmento do tipo *Brioso*⁹ a que nos reportamos (ob.cit.:155).

A faiança encontrada na sondagem do Cabeço do Outeiro ao distribuir-se sobretudo pelas unidades 029, 030 e 033 mostra-se contemporânea ao período áureo da difusão da faiança portuguesa – séculos XVII¹⁰ e XVIII. O século XVII que assiste a um crescimento espectacular da faiança motivado pelas importantes inovações técnicas tendentes à qualidade das pastas, vidrados e moldagens acaba mesmo por ser conhecido como “o século da faiança portuguesa” (Dordio; Teixeira; Sá, 2001:138 -140).

Sobretudo correspondendo a duas formas abertas principais - tigelas e pratos - as peças recolhidas no decorrer da escavação destinaram-se certamente ao serviço de mesa.

3.2. Outros materiais relevantes

Apesar da reduzida expressão que alguns materiais manifestaram, no contexto do espólio exumado, não queríamos deixar de os invocar como presentes na intervenção arqueológica decorrida.

No caso dos metais surgiu a necessidade do seu envio para um laboratório¹¹ especializado na limpeza e neutralização do seu processo corrosivo. Foi este o destino que seguiram cinco elementos do espólio metálico: a lâmina de um canivete com dois apliques em cobre ou liga de cobre, um colchete, um hipotético compasso de pedreiro/marceneiro, uma meia ferradura e a uma medalhinha.

Pela singularidade do achado destaca-se a medalhinha em cobre, (Fig. 15) provavelmente parte constituinte de um terço, pelo que consideramos pertinente o aparecimento de uma conta em azeviche nas imediações do local onde esta foi recolhida.

Apesar da elevada corrosão do cobre deixar pouco claros alguns elementos iconográficos impressos nas faces ovais da medalha, parecem-nos válidas algumas leituras. Na sua face principal verificamos uma representação de Nossa Senhora coberta por uma longa veste repleta de pregas com o menino Jesus ao colo do seu

⁹ Estilo de louça muito característico de Coimbra com forte personalidade decorativa nas pinturas a azul e vinoso.

¹⁰ Foi o início de uma “moda” propagada por todas as nações europeias que em experiências e tentativas durou, sem interrupção até ao princípio do século XIX (cit. por Calado, 2001:17).

¹¹ Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa.



Figura 15. Frente da medalhinha de cobre de meados do século XVII.

lado esquerdo sendo provável que ambos se apresentem ostentando coroas (hipótese colocada com muitas reservas). Aos pés de Nossa Senhora pode observar-se uma cabeça de anjo alada (querubim), centrada na base da medalha e por cima da cabeça de Nossa Senhora, no topo da medalha, suspensas no ar, duas pombas viradas uma para a outra. A componente particular desta representação prende-se com a alusão material a um edifício religioso confirmado pelas cruzes suspensas em cada um dos pináculos nas extremidades do telhado desse mesmo edifício que na sua parede visível se retalha em subdivisões quadrangulares e rectangulares, sugerindo janelas de um mosteiro, dispondo-se como imagem de fundo por trás de Nossa Senhora. Esta combinação da vertente terrena com a espiritual não nos parece muito habitual neste tipo de figurações e leva-nos a equacionar a hipótese de se tratar de uma representação de Nossa Senhora de al-

guma forma relacionada a uma entidade monástica. No verso, encontramos a habitual representação de Cristo crucificado, onde, no topo e ainda dentro da cruz (desenhada com algum cuidado estilístico) parece vislumbrar-se um ténue arranque das siglas *JNR* (Jesus Nazareno Rei dos Judeus), mas com uma margem grande de incertezas. Mais nítida é a inclusão de dois anjos virados para Si na parte inferior da medalha, sugerindo uma postura de genuflexão (ver figura 24 dos anexos).

A grande dúvida que permanece prende-se com a tentativa de identificação da representação da Nossa Senhora que aqui procuramos entender.

Como nos explica Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1979:10-13), o aumento da devoção à Virgem através da multiplicação das capelas e da estimulação do imaginário com a arte gótica, a partir de finais da Idade Média, motivou a multiplicação dos seus nomes. Uma das consequências é a mudança do nome de Sta Maria, com que ainda se designava habitualmente a Virgem no século XVI, para o de Nossa Senhora. Afirmam-se, por isso, em época Moderna, as devoções à Virgem do Rosário, do Carmo e da Boa-Morte, contribuindo para este fervor o intensificar do culto às almas do Purgatório que se impõe como uma das mais fortes práticas religiosas deste período no Norte de Portugal.

A medalha sobre a qual propomos aqui reflexão perpassa este horizonte religioso, por se enquadrar temporalmente na segunda metade do século XVII, e encarnaria, possivelmente, muitos dos anseios e preocupações desta época.

Curiosa é também uma lâmina de navalha em ferro (Fig. 16) da unidade estratigráfica 011 (finais do século XVIII) que apareceu juntamente com um colchete e um compasso de pedreiro/marceneiro.



Figura 16. Lâmina de navalha em ferro com dois apliques em cobre – finais do século XVIII.

Recuando aproximadamente uma centúria (segunda metade do século XVII) deparamo-nos novamente com espólio metálico, desta vez representado por meia ferradura (partida intencionalmente?) (Fig. 17).

Relativamente aos líticos, e não obstante de se incluírem no grupo material mais estável a nível da perpetuação de informação arqueológica pela resistência e durabilidade das



Figura 17. Meia ferradura, partida intencionalmente (?) – segunda metade do século XVII.

suas formas, pudemos contar apenas com dois artefactos que foram recolhidos na unidade 029. Trata-se de um movente de moinho manual oblongo de tipologia Pré-Histórica que se pode observar na figura 25 dos anexos e de uma pedra talhada de forma discoide de função indefinida.

4. Contributo das fontes históricas

No caso da intervenção arqueológica em evidência há ainda que considerar o apoio das fontes históricas disponíveis que, de certa forma, corroboram a versão arqueológica da dinâmica ocupacional perspectivada para o sítio e o prestígio associado a essas terras.

Assim, o arquivo particular da Casa do Cáscere¹² reforça a importância do espaço geográfico considerado ao indicar que a linhagem da casa para o século XVII e XVIII aparece engrandecida por quatro personalidades ligadas a cargos superiores do exército (entre eles o capitão e o sargento mor de Lousada). Isto, porque apesar de toda a propriedade rústica ou urbana de Lousada se encontrar nas mãos de igrejas, mosteiros e ordens militares (neste caso concreto do Mosteiro de Vilela do Concelho de Paredes) a partir do século XIV era a administração indirecta que supria as dificuldades dessa

gestão central e eram esses lavradores a quem Eugeneo Freitas (cit. por Magalhães 2006:90) se refere não só como homens plebeus mas sobretudo como famílias nobres de onde se afirmava a nobreza de Lousada.

O poder local agitava-se portanto ao sabor da vida económica das comunidades rurais que por sua vez dependiam da agricultura, o que fazia com que a posse de terra fosse a condição por excelência para o reconhecimento do prestígio social.

É sobre este pano de fundo de relações de dominação \ preponderância sócio económica da Casa do Cáscere¹³ que se deve ponderar a vivência concreta do

Cabeço do Outeiro para os séculos XVII e XVIII e enriquecer as reflexões arqueológicas que já tecemos sobre o sítio.

Paralelamente, e reforçando as evidências materiais referentes à sondagem há que considerar a *apegação para o prazo de 1706* (Magalhães, 2007:152-153) que nos fornece pistas concretas de como se desenvolveria o espaço do casal para a época que a escavação identifica. Assim, as fontes escritas descrevem para o local um núcleo familiar (praticamente imutável de 1555 a 1706) onde se destacam os seguintes espaços: uma casa sobradada telhada que depois passa a ser colmada e a ostentar um pátio de pedra à sua entrada; uma cozinha anexa; uma adega com alpendre e lagar que depois se transforma numa cozinha colmada; cortes de gado com um alpendre para a eira; um palheiro; uma eira e mais duas casas colmadas.

Considerando que a área escavada foi manifestamente restrita para a compreensão de toda esta dinâmica exposta pela apegação pode, no entanto, confirmar-se para o casal do outeiro a existência de um espaço cujas características se demonstram similares às postas em evidência pela escavação: sobretudo a da área reservada à cozinha.

¹² A Casa do Cáscere controlou, desde a Idade Média, grandes terrenos da freguesia de Nespereira, nomeadamente o espaço intervencionado.

¹³ O proprietário actual é o Sr. António Basílio Carneiro Leão.

Bibliografia

- ALMEIDA, C. A. de (1979) - *O Culto a Nossa Senhora, no Porto, na época Moderna*. Porto: Centro de História U. Porto.
- AMORIM, I. (1998) - A olaria de Aveiro, no século XVIII: continuidade e desenvolvimento. In *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Nº 2. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p.70-80.
- ARAÚJO, A. (1998) - As Louças de Prado: Notas para a história da louça preta. In *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Nº 2. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p.29-49.
- BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1997) - O ciclo da louça/Comercialização - A presença de louça preta no mercado do Porto (sécs. XVI a XVIII). In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT, p.87-93.
- BARREIRA, P.; DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p.145-184.
- CALADO, R. (2001) - Breve Historial da Faiança em Portugal. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p.15-25.
- CASTRO, F. (1997) - Caracterização físico-química e estudo laboratorial da louça preta em Portugal. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT, p.12-14.
- DORDIO, P. (1999) - Louça de cozinha da época moderna descoberta em escavações arqueológicas no Porto. In *Actas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 46-51.
- DORDIO, P.; TEIXEIRA, R.; SÁ, A. (2001) - Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p.119-164.
- FERNANDES, I. M. (1997a) - As olarias de louça preta de Prado. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT, p.43-45.
- FERNANDES, I. M. (1997b) - Os centros produtores. Sua geografia - Locais de produção. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT, p.28-33.
- FERNANDES, I. M. (1999) - Do uso das peças: diversa utilização da louça de barro. In *Actas do IV Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, p. 12-39.
- FERNANDES, I. M. (2001) - Formas e funções da Faiança Portuense Oitocentista. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia*. Lisboa: Museu Nacional Soares dos Reis, p.29-51.
- FONTES, L.; FERNANDES, I. M. (1998) - Peças de louça preta decoradas com moscovite encontradas nas escavações arqueológicas do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. In *2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p.355-363.
- LEÃO, M. (1999) - *A cerâmica em Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- MAGALHÃES, P. J. (2006) - A Casa do Cáscere. In *OPPIDUM* (1). Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.149-161.
- MAGALHÃES, P. J. (2007) - O Casal do Outeiro - Nespereira. In *OPPIDUM* (2). Lousada: Câmara Municipal de Lousada, p.89-104.
- NUNES, H.; FERNANDES, I. M. (1998) - Coleção de desenhos de peças de olaria encontrados no espólio de Manuel Monteiro. In *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Nº 2. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p.3-28.
- REAL, L. M [et. al] (1995) - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX. In *1^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela, p.171-186.
- RIBEIRO, M. (2003) - *A olaria preta de Coimbra*. Porto: FLUP.
- SILVA, A. M. (1996) - Cerâmica tradicional na Região de Aveiro. In *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos*, Nº 1. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p.53-77.
- TEIXEIRA, R. (1997) - Cerâmica preta: “olhar” do arqueólogo. In *A louça preta em Portugal: olhares cruzados*. Porto: CRAT, p.17-23.

Cartografia

CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 112 [Material cartográfico] Instituto Geográfico do Exército – Escala 1:25.000. Lisboa: IGE. 1998.

CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL: Folha 9D/Penafiel [Material cartográfico] Serviços Geológicos de Portugal - Escala 1:50.000. Lisboa: S.G.P. 1981.

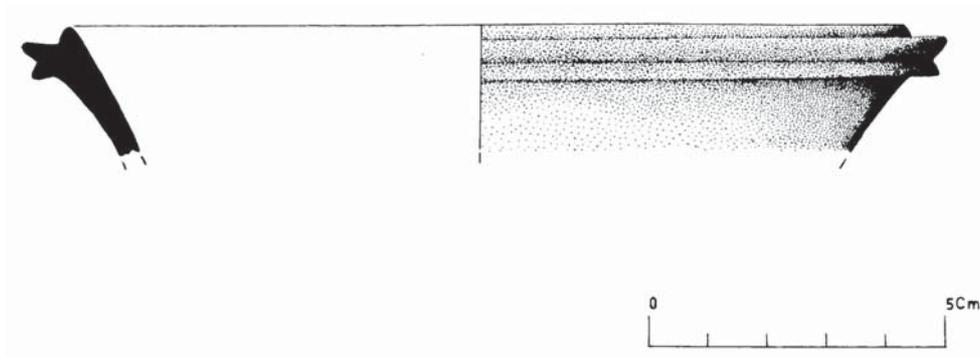


Figura 19. Bordo de panela em cerâmica preta com caneluras, adaptado à cobertura com um testro.

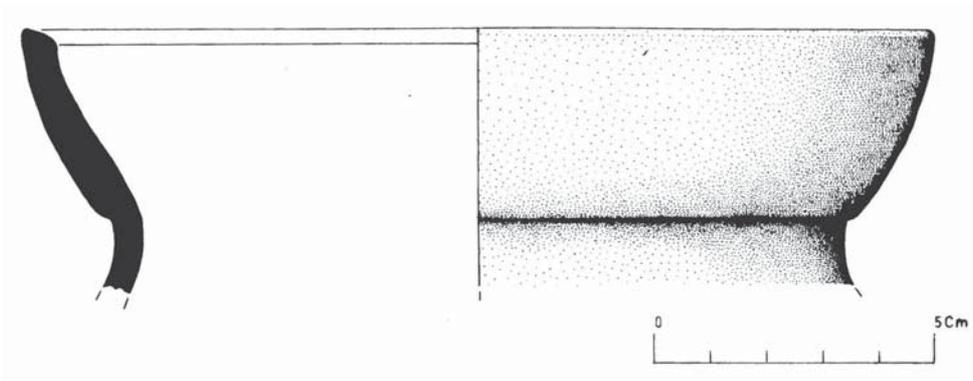


Figura 20. Bordo de panela em cerâmica preta coberto de fuligem.

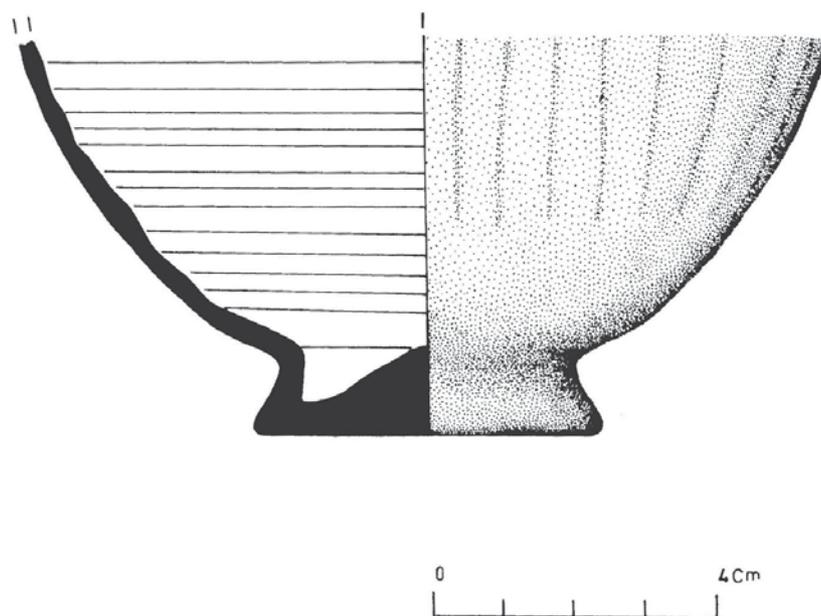


Figura 21. Fundo de tigela em louça preta, de paredes finas, suavemente brunido e de ônfalo bem pronunciado.

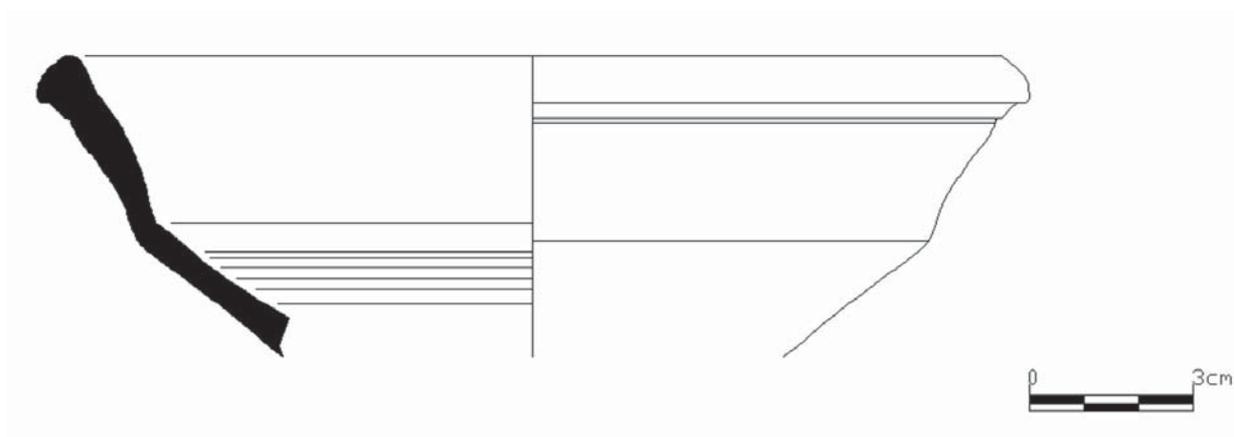


Figura 22. Tigela carenada de louça vermelha do tipo Aveiro-Ovar (segunda metade de século XVII).

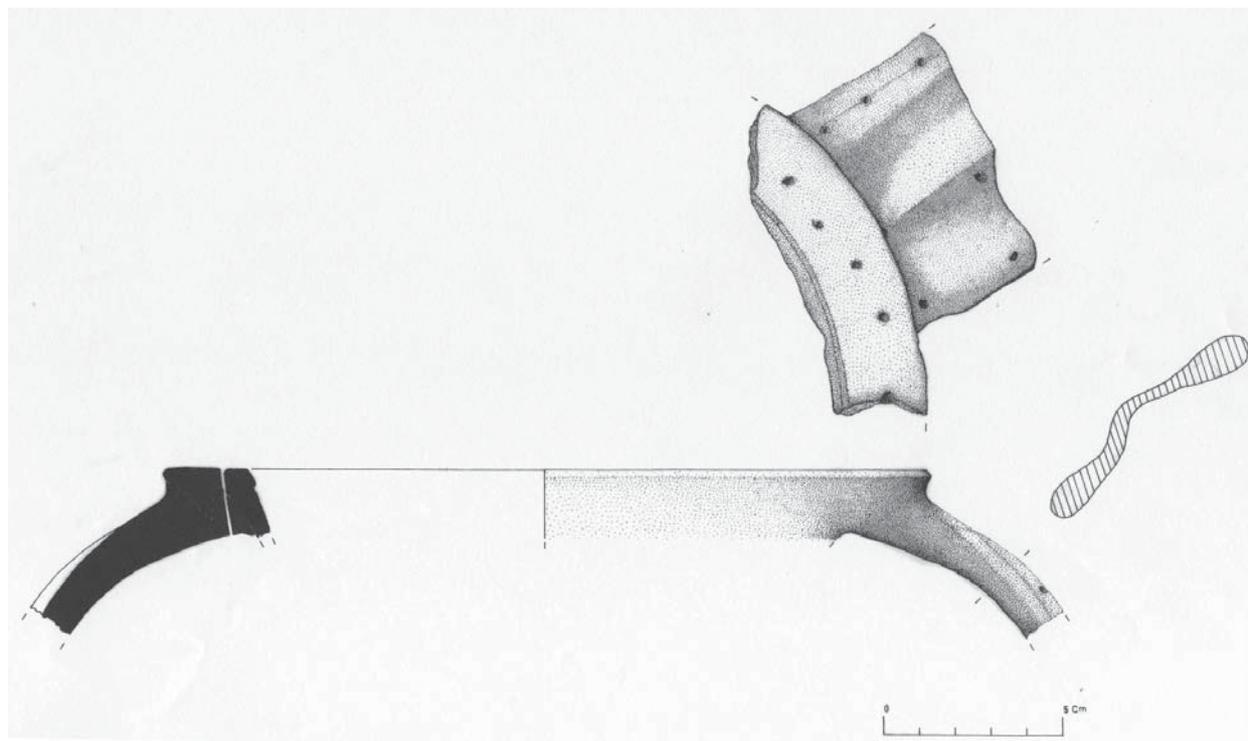


Figura 23. Asa/bordo de cântaro em louça vermelha, de dupla asa, do centro produtor do Prado (meados do século XVII).



Figura 24. Frente e verso de uma hipotética medalha de terço em cobre, de meados do século XVII, alusiva ao culto a Nossa Senhora.

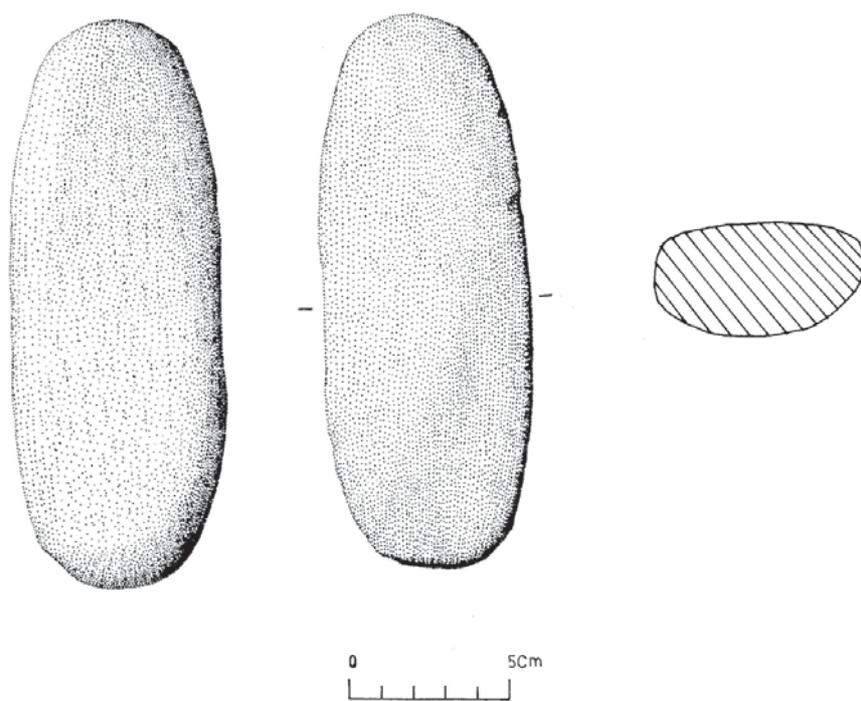


Figura 25. Movente de moinho manual, oblongo, de tipologia pré-histórica.

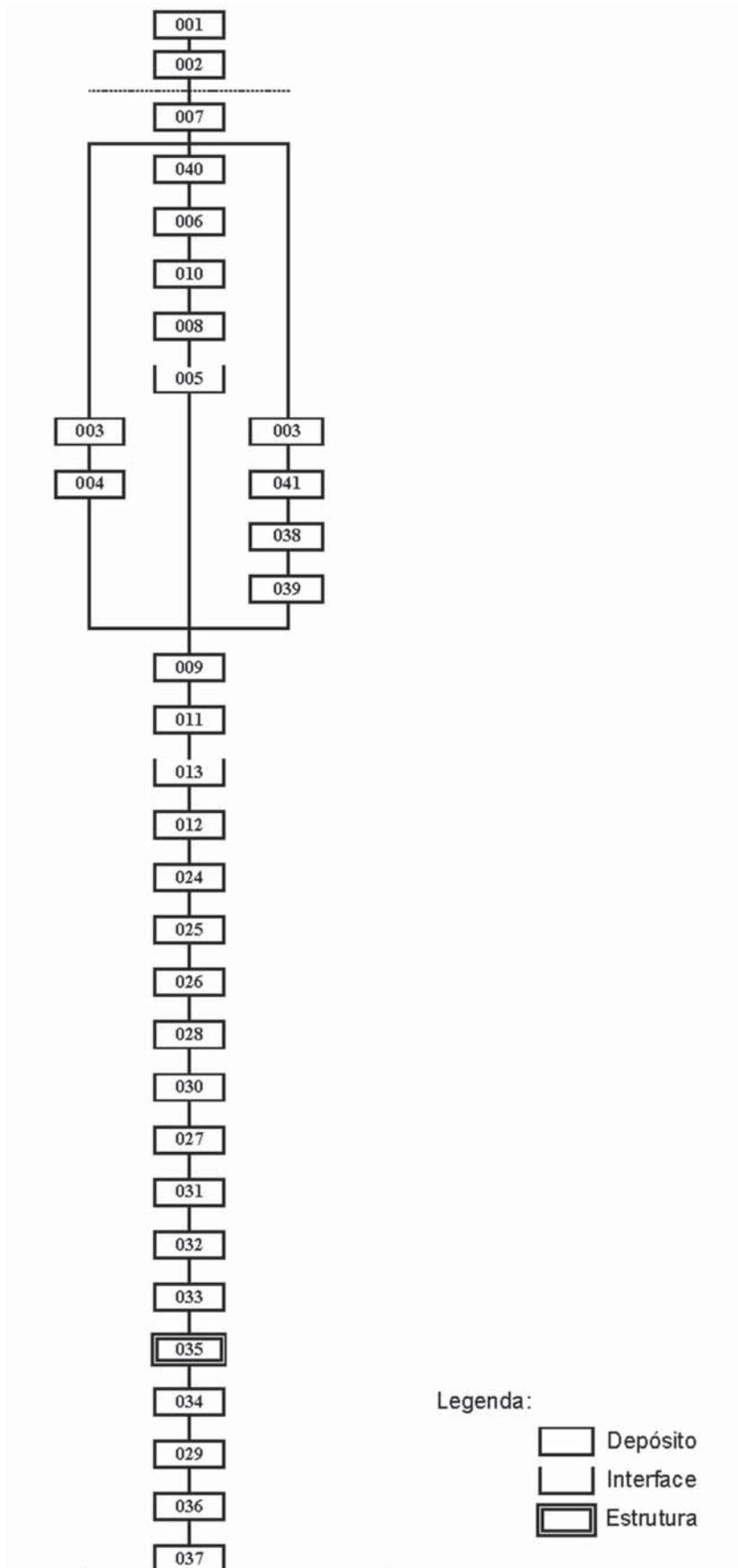


Gráfico 2. Matriz estratigráfica CBO. 05. Relação das Unidades Estratigráficas apuradas na sondagem aberta, entendendo-se como mais recente a 001 e a mais antiga a 037.